

o antigo mistério feminino da sexualidade sagrada

o caminho xamânico da abelha



Simon Buxton

tradução de Norma Telles

ProLíbera Editora
2010

Sabedoria Antiga
e Práticas de Cura
dos Mestres Abelha



O antigo mistério feminino da sexualidade sagrada - O caminho xamânico da abelha - Sabedoria sagrada e práticas de cura dos Mestres Abelha
copyright © 2007 Simon Buxton

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, de forma alguma, sem a permissão do Proprietário, exceto as citações incorporadas em artigos de crítica ou resenhas.

Publicado mediante acordo com Inner Traditions International

Direção editorial: Júlia Bárány Yaari

Preparação e revisão de texto: ProLíbera Editora

Capa e projeto gráfico: Genildo Santana/Lumiar Design

Projeto gráfico e diagramação: Júlia Bárány Yaari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buxton, Simon

O antigo mistério feminino da sexualidade sagrada - O caminho xamânico da abelha - Sabedoria antiga e práticas de cura dos mestres abelha / Simon Buxton -- tradução Norma Telles -- São Paulo: ProLíbera Editora, 2010.

Título original: The Shamanic Way of the Bee: Ancient Wisdom and Healing Practices of the Bee Masters.

Bibliografia

1. Abelha - aspectos religiosos 2. Abelha - folclore 3. Abelha - mitologia 4. Cura 5. Espiritualidade 6. Xamanismo

10-04443 CDD-291.144

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Xamanismo: Poder de cura 291.144

2. Xamanismo: Caminho do pólen: Poder de cura 291.144

Todos os direitos desta edição reservados à ProLíbera Editora © 2010

São Paulo - SP - Brasil

contato@proliberaeditora.com.br



www.proliberaeditora.com.br
Livro para Ser Livre

ISBN: 978-85-61080-08-2

Para a doce abelha, *Apis mellifera*.
Para Herr Professor, Abridor dos Caminhos.
Para Alice, Rose, Sam, e todos os filhos de hoje,
sábios ancestrais do amanhã.
E, claro, para Bid Ben Bid Bont.





conteúdo

Apresentação pelo Professor S.R.Harrop	9
1. Ontem à noite, enquanto eu dormia	13
2. O portal da transição	23
3. O pequeno galho da grande árvore	43
4. O Caminho do Pólen	65
5. A teia dos sonhos	79
6. A Mestra Abelha e as Melissas	93
7. Vitamina Pã	119
8. A ilha Dulcamara	139
9. O abraço da terra	167
10. A queda dos kelts	183
Posfácio	187
Bibliografia	189
Agradecimentos	191



apresentação

Por acaso, comecei a escrever esta apresentação na boca de uma caverna de montanha no México central. Meu plano era comparar o aprendizado de Simon Buxton, como relatado em *O antigo mistério feminino da sexualidade sagrada - o xamanismo da abelha*, com a jornada fascinante e elusiva de Carlos Castaneda, e reunir os lampejos brilhantes que permeiam seu trabalho mágico. Pensava haver importantes comparações a serem traçadas entre o mestre de Simon, Bid Bem Bid Bont (Ponte), e o neo-mítico mestre de Castaneda, Don Juan e aspectos dos ensinamentos enunciados por esses dois misteriosos arquétipos vivos. Decidi então enfatizar que nossa busca por caminhos de transformação deveriam começar em casa e que até o mais humilde dos jardins exsuda poder e goteja segredos mágicos. Meu propósito final era contrastar a natureza bela, mas inconsistente, dos contos de Castaneda com a honestidade absoluta que é a marca da vida e do ser de Simon.

A entrada desta antiga caverna mexicana era um contexto perfeito para o tema. Eu me acomodei com meu caderno de notas, diante do profundo azul do céu, das montanhas distantes e do vasto chaparral pontuado por cactos semelhantes a longos dedos apontados para o céu. Sincronisticamente, um falcão branco seguia os círculos escondidos no vórtice do vento

acima de mim. Perdido em devaneios profundos e pessoais, deixei que meu tema pesado e pré-concebido caísse ao chão empoeirado da caverna e me voltei para olhar a escuridão atrás de mim.

Naturalmente eu não estava sozinho. Meus companheiros não eram seres inorgânicos, nem eram fantasmas de Carlos, de don Juan, sentados imóveis como sombras de pedra. Em vez disso, uma colmeia natural pendurada na rocha acima de mim puxou meu espírito para uma realidade separada, antiga e extremamente alienígena, extinguindo os pronunciamentos triviais que trouxera comigo. As abelhas haviam construído uma catedral em reverso a partir da face da rocha e, de acordo com uma ética muito mais antiga do que a que denominaríamos primordial, estavam prosseguindo em suas tarefas sem descanso e incondicionalmente, a despeito de minha presença. Eu sabia o perigo que corria; elas me toleravam e davam permissão para minha presença. Nesta parte do mundo tem havido mortes mesmo entre caminhantes experimentados das comunidades indígenas locais devido a encontros infelizes com a mesma espécie que trabalhava acima de mim. O mandato delas é preservar seu mundo, e cada membro da comunidade estaria imediatamente preparado para morrer, se necessário, para atingir este objetivo. Acatei o aviso de Simon – do *texto do Mestre Abelha* – e permaneci relaxado e imóvel. Uma ou outra abelha ocasionalmente zunia em minha direção e retornava à colmeia, satisfeita, no momento, enquanto meu nível de ameaça fosse tolerável. O zumbido da colmeia e o movimento das abelhas serviram para me distanciar de minha estratégia e me permitiram enxergar mais profundamente as implicações dos ensinamentos revelados pelo Caminho do Pólen.

Não há a menor necessidade de procurar apoiar o livro de Simon na referência a Carlos Castaneda. Não é preciso encontrar um padrão de modo a atrair o leitor hesitante. Simon e seu professor penetram um antigo poder e um paradigma e, através deste fundamento e um proceder impecável, eles são perfeitamente capazes de se firmarem por si mesmos. Com esses

recursos pré-primordiais, eles prosseguem mergulhando o leitor em níveis incandescentes junto à totalidade de mitos e cosmologias que permeiam pedras e ossos, as árvores e arbustos, a relva e os jardins da Bretanha. Simon tem uma enorme afeição por este país de leite e mel e sua herança antiga, sua sabedoria adormecida e numinosa. Ele, com cuidado, desperta o dragão adormecido e mostra como sua longa cauda e suas amplas asas abraçam as raízes da história, colhidas na beleza da cosmologia arcana e nos mistérios dos espíritos ocultos em nossas colinas. Ainda assim, ele não para por aí. Ele constrói uma ponte sobre o abismo que separa os mitos celtas dos gregos e viaja pela pré-história para explorar os elos entre os mitos mais profundos desta terra e suas implicações, conforme trabalha para expandir o tempo e o cosmos e descobrir a essência.

O propósito de Simon não foi escrever uma etnografia acadêmica. Não obstante, ele aborda a escrita deste livro com precisão e honestidade, a despeito do fato de, no assunto que trata, ser impossível manter nossa linguagem fluída de modo consistente para capturar as experiências derivadas de um paradigma que precede em muito nosso desenvolvimento linguístico. Enquanto Simon tomou precauções para basear alguns dos eventos chave do texto dentro de meu próprio tempo e espaço, a necessidade de tal corroboração não é minha prioridade. O teste mais importante é o homem natural ele mesmo: ele é comum e extraordinário, um homem cuja característica é a luta, com consistência e honestidade corajosa, para ir ao encontro dos desafios de seu próprio caminho nobre.

Por isso, eu não preciso dar nenhuma garantia a respeito deste livro, ou testemunhar as maravilhas nele descritas, este é o caminho de Simon e somente seu caminho. Como já disse, e como as abelhas me revelaram, tanto Simon quanto seu notável mestre podem se sustentar por si sós e encará-los sozinhos.

Sorva esta viagem com uma atitude nem de crença nem de descrença e deixe que ela opere seu poder transformador através de você. Dê um

tempo para se acalmar e permitir uma mudança, de modo que as palavras possam penetrar você no instante intermediário, entre um momento e outro. Leia o livro com os olhos fechados e cheire o jardim, escute as flores crescerem e morrerem, e sinta os leves pezinhos das aliadas do Mestre Abelha gentilmente caminharem sobre sua pele. Perceba seus segredos diretamente. Se você conseguir encontrar o caminho para enxergar por entre os véus das Melissas e além dos muros rachados, verdes e resplandecendo com pétalas, do jardim, você poderá chegar àquele lugar no qual o zunido das colmeias lhe dá boas vindas. Então entenderá o privilégio que é ler este livro.

Professor S. R. Harrop

Diretor do Departamento de Antropologia

Universidade de Kent, Inglaterra



1

ontem à noite,¹ enquanto eu dormia

*Anoche cuando dormía
soñé, ¡bendita ilusión!,
que una colmena tenía
dentro de mi corazón;
y las doradas abejas
iban fabricando en él,
con las amarguras viejas
blanca cera y dulce miel.*

Antonio Machado

“Anoche cuándo dormía”

Não há sons claros, só o distante barulho do sangue martelando em meus ouvidos, um sinal de que ainda estou vivo. Em certos momentos percebo uma canção, mas do mundo exterior nenhuma imagem penetra. Estou sozinho aqui, pequeno e assustado, perdido em uma nevasca de luzes brancas contra o céu escuro de meus cílios.

Não sei há quanto tempo estou aqui. Tenho nove anos de idade, e o mundo está deste jeito há dias. Só anos mais tarde vim a conhecer a denominação que se atribui a esta condição: encefalite, um vírus que ataca o cérebro. No momento, nomes e rótulos não fazem sentido. Tudo que percebo é a escuridão e a quietude.

¹ Ontem à noite, enquanto eu dormia,/ sonhei, bendita ilusão!/ que havia uma colmeia/ dentro de meu coração/ e as abelhas douradas/ nele seguiam fabricando/ com as velhas amarguras/ branca cera e doce mel.

E então uma face aparece, um rosto que penso reconhecer. Um homem idoso sorri para mim enquanto vagueio pela paisagem do sonho, chorando as lágrimas silenciosas e medrosas de um menino pequeno, em pé à beira de uma vasta queda para a morte. “Não há nada a temer, pequeno” ele diz. As palavras são pronunciadas em alemão. Ele segura minha mão. Juntos pulamos no abismo. Mas nunca aterrissamos; eu abro meus olhos e olho em seus olhos. Eles não são mais os olhos de um ser humano. Estou contemplando olhos formados por inúmeras e magníficas lentes hexagonais, cada uma delas capaz de enxergar o fundo de minha alma! Estes são os olhos de uma abelha, e nós estamos voando.

Sem esforço, chegamos ao outro lado do abismo e suavemente flutuamos para a Terra. Olho de novo para aqueles olhos e agora eles são humanos, eu os conheço. São os olhos de um amigo.

Ele sorri para mim. “*Kleine Bubbe, alles ist in Ordnung. Habe keine Angst,*” ele sussurra. “Pequeno, tudo está bem agora. Não há nada a temer”.

Dois dias depois deste sonho, sinto-me bem o bastante para me alimentar. Uma semana depois estou fora da cama e volto a ser um menino cheio de vida.

Decido, então, visitar meu amigo Herr Professor depois de tanto tempo longe dele. Caminho pelos bosques que separam nossas duas casas isoladas, passo pelas colmeias que ele tem em seu jardim, chego até a porta de madeira escura. Antes que eu possa bater, a porta se abre e Herr Professor sorri para mim.

“Ah, pequeno”, ele diz, “como é delicioso ver você. Pronto! eu lhe disse que não havia nada a temer.”



Eu conhecera Herr Professor dois anos antes disso, quando minha família se mudara do norte da Inglaterra para as florestas de Viena, na

Áustria. A sua era a única outra casa no raio de um quilômetro e meio de nossa propriedade – se é que se podia chamar aquilo de casa. Era mais um casamento entre um chalé tirolês e uma cabana na selva. Estava localizada na floresta local, escondida por uma vegetação rasteira de dar arrepios que ele cultivava pouco de modo a que permanecesse o mais selvagem possível. Ele sempre preferiu ser parte do meio circundante ao invés de dominá-lo.

Meus pais haviam feito amizade com Herr Professor quando nos mudamos para nossa casa. Reconhecendo-o como um homem culto, pediram-lhe que me ensinasse alemão. Ele concordou, feliz, mas no fim de contas estudávamos pouco a língua. Em vez disso, tínhamos aventuras, explorávamos a floresta inculta nesse estranho território novo. Ou então ele permitia que eu tocasse um de seus vários tambores imensos e lisos, tambores de Tuva, ou da Lapônia, ou de outros locais distantes de nomes estranhos que soavam confusos. Algumas vezes ele me mantinha enfeitiçado ao contar histórias de suas aventuras nas selvas do México ou do Peru, ilustrando a palestra com jaguares, serpentes e pirogas; rituais extáticos e ritos da lua cheia; com os curiosos objetos de poder que trouxera para casa: lanças e escudos, pedras e videiras e, o que me parecia o mais fascinante, uma cabeça encolhida proveniente de uma misteriosa tribo amazônica.

Nós ficamos amigos na mesma hora. No isolamento dos bosques, eu estava contente em ter alguém com quem pudesse conversar e com quem fazer caminhadas. Aquele sábio homem partilhava seu conhecimento tanto da floresta quanto do mundo, ele me revelava a riqueza dos dons que continham. Herr Professor vivia há tanto tempo em solidão que minha exuberância juvenil era uma alegria para ele, a minha companhia fonte de entretenimento tranquilo.

Claro, eu não o conhecia então como um professor – embora eu sempre me referisse a ele empregando o título – mas como amigo. Mais tarde fiquei conhecendo sua verdadeira identidade. Ele fora um professor universitário, um homem extremamente respeitado que lecionou

para centenas de estudantes durante quase meio século, e havia viajado o mundo em busca de uma verdade pessoal. Havia percorrido os cinco continentes habitados e os cantos mais longínquos da Terra. Havia morado com povos indígenas, adotado seus estilos de vida simples até que o estudo científico cedera lugar à crença pessoal e um imenso respeito surgira após observar os xamãs e homens sábios das tribos desempenharem milagres cotidianos que desafiam as leis da ciência Ocidental.

Ele trouxera os dons dessa compreensão para sua universidade, e seus estudantes deles se beneficiaram. Mas, na volta, do mundo exterior trouxera algo mais: os poderes do xamã. Em seu respeito e admiração por esses homens de poder “selvagens”, ele trabalhara com eles e finalmente havia sido iniciado nos mistério que estão no cerne de suas tradições. Em particular, ele aprendera os segredos de um caminho xamanístico muito antigo e secreto do qual perdemos quase toda notícia: uma linhagem que trabalha com o poder das abelhas manifestarem seus milagres no mundo.

Apesar de ter se aposentado da vida acadêmica e já estar na casa dos oitenta, ele permanecia tão vital e vigoroso como um homem da metade de sua idade. Em vez de buscar um reconhecimento ativo como erudito nos círculos acadêmicos, ele escolhera rejeitar este falso símbolo de status e se tornar de novo uno com a natureza, simplificando sua vida de modo a permitir que as forças naturais fluíssem através dele e o conectassem com o mundo do verdadeiro poder.

Aquele mundo estava por toda parte à nossa volta. Ursos² e javalis selvagens cruzavam as florestas. A maioria das pessoas não gostaria de se

² Abelhas, ursos e javalis são conhecidos na memória folclórica europeia como psicopompos, condutores da alma deste para o outro mundo. Diz a lenda que um urso coleta, em custódia, as almas dos humanos em sua barriga durante a hibernação. Chegada a primavera, ele emerge de sua caverna e come uma planta laxante para expulsar o bolo de pelos e vegetação que bloqueava seu anus durante o inverno, permitindo que mantivesse a salvo as almas hibernadas. O javali possui atributos distintos de psicopompos: suas presas são moldadas como luas crescentes e seu focinho negro simbolicamente se localiza entre a lua que morre e a que nasce de novo, do mesmo modo que as três noites escuras sem lua separam as luas minguante e crescente. É em parte baseado nesta observação que o javali é considerado um elo entre este mundo e a Terra dos Mortos.

encontrar com tais criaturas: suas patas e mandíbulas podem matar alguém se elas se assustarem ou forem provocadas. Meu pai me avisara para ter cuidado – mas elas amavam Herr Professor.

Um dia, enquanto caminhávamos, observei, fascinado, uma sombra escura se transformar em um urso a procura de alimentos. Ele olhou para cima e pareceu reconhecer Herr Professor, e então, para meu espanto, trotou timidamente em sua direção para ter seu dorso tamborilado e seu pescoço coçado. Quando minha prudência diminuiu, Herr Professor me olhou e sorriu, “Não há nada a temer”, comentou.

Chegou então o dia do meu nono ano quando caí doente. Meus pais, com uma preocupação crescente, chamaram os melhores médicos do local. Nenhum deles foi capaz de diagnosticar minha condição com precisão, mas todos concordaram que minha enfermidade era grave. Finalmente, deram a meus pais a dolorosa notícia que não havia nada que pudessem fazer. Tristes e chocados, meus pais se resignaram com a morte iminente de seu filho mais moço.

Foi então que Herr Professor apareceu para visitar seu amigo – para fazer uma última saudação e para se despedir, pensaram meus pais. Enquanto eu perdia e recuperava a consciência, tive a sensação que uma linha de vida estava sendo jogada para mim. Não era um adeus falado o que ele me enviava, mas uma canção suave que me chamava de volta à casa.

Todas as vezes que eu recuperava a consciência por alguns breves minutos, Her Professor estava ali, sorrindo para mim e sussurrando alguma coisa que eu não conseguia entender como palavras, mas que enchiam minha alma de calor e faziam-me sentir a salvo. Várias vezes ele esfregou suavemente um pedaço de madeira em meu pescoço enquanto entoava palavras que pareciam não ter nenhum sentido, mas eram percebidas como imensamente poderosas e, ao nível do meu corpo, para além da mente racional, faziam perfeito sentido para mim. Eu me sentia cada vez mais forte.

E aqueles olhos... Pode ter sido meu delírio, sem dúvida, mas todas as vezes que eu olhava para o Herr Professor, parecia que estava olhando para olhos múltiplos, olhos magníficos, olhos com milhares de lentes que enxergavam direto em mim. Então, eu adormecia.

Meus pais atribuíram minha cura a causas naturais, mas eu sentia que algo mais havia me revitalizado.

Depois disso, Herr Professor e eu começamos a passar mais tempo juntos e parecia haver maior profundidade e um novo calor em nossa relação. Em todas as culturas xamanísticas que ele visitara, os mais velhos acreditam que uma pessoa é chamada pelos espíritos a se tornar um xamã através de uma enfermidade misteriosa, que a acomete subitamente e a leva até o abismo da morte. A pessoa só se salva através da intervenção de outro xamã. Herr Professor havia reconhecido em mim os sintomas desse chamado.

Numa linguagem para criança, ele lenta e suavemente me ensinou os caminhos do poder. Entre nossos passeios pela floresta e nossas conversas, principiei a desenvolver um profundo respeito pelos conhecimentos e perícias do xamã e pela natureza, que ele me revelou como “a face visível do espírito”. O alfa e ômega de seus ensinamentos estavam dentro da colmeia e em seus habitantes, as abelhas, e comecei a aprender os rudimentos de apicultura. Eu observava e então copiava os modos e o comportamento de Herr Professor com suas colmeias; raramente fui picado e isto quando meus movimentos desengonçados atraíam a atenção das abelhas. Enquanto passava um pouco de bálsamo nas picadas, Herr Professor me dizia, “As abelhas, como outros animais, respondem aos modos dos que estão ao seu redor. Mova-se mais lentamente.” À medida que minha afinidade com as abelhas começou a se desenvolver, fiz as primeiras tentativas de colocar gotas de mel em meu braço para deliberadamente atraí-las até mim, exatamente como me fora mostrado. Em alguns segundos, várias delas aterrissavam e estendiam suas probóscides – suas línguas longas, sulcadas, usadas para sugar o néctar. Acabado o mel, as abelhas exploravam o resto de

meu braço, avançando com cuidado por entre os pelos que já começavam a crescer, enquanto eu permanecia imóvel, fascinado com a sensação de minúsculos pés sobre minha pele.

Eu teria ficado para sempre na catedral da floresta, aprendendo seus ensinamentos sagrados e recebendo a sabedoria de seu Sumo Sacerdote, meu amigo Herr Professor. Mas não estava destinado a ser assim. Dois anos depois de minha cura miraculosa, minha família deixou Viena e se mudou para outra parte da Europa. Chorei, enquanto caminhava até a casa de Herr Professor para me despedir. “Pequenino, você pode ser parte do mundo todo. Abrace-o” ele me confortou. “Não há nada a temer na vida”. Mas eu podia ver em seus olhos que ele também estava triste.

Naquele dia ele me deu três presentes. Um deles era uma peça de madeira com um entalhe simples embora eloquente. Mais tarde eu ficaria sabendo que isto era um *phurba*,³ uma varinha de cura empregada no xamanismo tibetano e usada para extrair e absorver intrusões espirituais negativas que habitam o corpo e causam enfermidades. Se, como já foi observado, a bela arquitetura é poesia congelada, então o poder xamanístico dos objetos pode ser descrito como um ato de vontade, destilado na forma e no tempo. Fora este simples pedaço de madeira que me trouxera de volta à vida quanto todos os tratamentos e remédios da ciência moderna não conseguiam me salvar – e a fé de Herr Professor no poder do universo de intervir em meu benefício, porque ele assim o desejava.

Nunca mais vi Herr Professor, mas não se passa um dia sem que pense nele, e algumas vezes choro. Ele era meu amigo. Claro, devo-lhe a vida, mas também lhe devo bem mais do que a vida. Foi através de nossa amizade que primeiro vivenciei os poderes do xamã. Isto me levou a me aprofundar nesta tradição de modo que, em certo sentido, pudesse me parecer mais com Herr Professor e seguir as verdades que me mostrara.

³ Os primeiros phurbas eram feitos de argila. Hoje são feitos de pedra, madeira e, mais comumente, de metal. O phurba corresponde à Árvore do Mundo e ao eixo do mundo, e é um dos instrumentos principais do xamã tibetano Bon-Po.

Se aquelas verdades haviam tido efeito tão notável, desafiando a morte e afirmando a vida em mim, então quem mais poderia me ajudar? Talvez pudessem salvar outra criança perdida e solitária em um mundo de trevas.



A verdade, no entanto, não é uma questão fácil. É complexa, estranha, sempre fluída e aberta a questionamentos, uma coisa viva. E, mesmo assim, é o lugar onde temos de começar, e no final é tudo que permanece.

Através de meus estudos, vim a entender que a verdade, especificamente a verdade espiritual, só pode ser definida como aquilo que a pessoa sabe, sem palavras, ser verdadeiro. Ela é silenciosa e não requer nenhuma justificativa. Meu desafio, então, ao escrever este livro foi encontrar palavras para expressar esta sabedoria inefável, assim como as verdades contidas na tradição xamanística na qual fui iniciado.

Embora não tenha nenhum nome no mundo exterior, esta tradição é conhecida por seus membros como o Caminho do Pólen, centrada como é na abelha e na colmeia como uma metáfora, mas também como fonte de um conhecimento xamanístico surpreendentemente rico. Este livro transmite os ensinamentos da maneira como os recebi e, em geral, no contexto em que foram repassados. O que apresento é uma crônica de experiências e observações específicas, expostas com minha melhor habilidade – um ato intencional de etnografia.

O próprio xamã, embora obscuro e escondido, pode ser facilmente localizado em várias partes do mundo – nas Américas, na Austrália, na África e outros locais. O Caminho do Pólen faz parte da rica tapeçaria do xamanismo europeu, sobre o qual muito pouco foi escrito devido a razões históricas que envolvem o trabalho missionário e a perseguição. Pode-se considerar surpreendente que uma antiga, embora sofisticada e não fragmentada tradição xamanística tenha de algum modo sobrevivido

até o século vinte e um, sem chamar a atenção da igreja ou do estado, ou, no que se refere ao tema, da antropologia. Mas, nenhum de meus predecessores, colegas ou companheiros sentiu necessidade, ou inclinação, para colocar a pena sobre o papel e traçar um relato de seu trabalho ou de seu mundo. Em contraste, abundam textos a respeito de outras tradições xamanísticas, muitos dos quais são facilmente acessíveis.⁴ Há tal riqueza de escritos sobre este tema que seria insensato de minha parte tentar um resumo conciso em poucas páginas. Este livro detalha uma adaptação específica do xamanismo desenvolvido pelas antigas raças das Ilhas Britânicas e da Europa. É uma forma pouco conhecida do xamanismo keltico⁵ que deve sua expressão particular aos habitantes daquelas regiões, suas personalidades, suas culturas e às paisagens e à geografia de sua terra natal.

Onde quer que se transmita uma informação arcana, poderosa, de uma pessoa para outra, a tradição oral é comumente o modo mais seguro de proteger este conhecimento daqueles que poderiam colocar em perigo a si mesmos e aos outros por usá-la sem a proteção do procedimento sagrado pleno. Este livro, então, não é mais um tomo para ser colocado ao lado de tantos outros que exploram e celebram o que os celtas históricos podem ou não ter feito, voltando a um tempo em que o mundo era um lugar bem diferente. Serve pouco aos propósitos do moderno peregrino invocar

⁴ Recomendo o *O Caminho do Xamã*, do dr. Michael Harner (Cultrix), e *Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*, de Mircea Eliade (Martins Fontes). O primeiro oferece ao leitor as práticas e metodologias básicas do caminho do xamã com uma apresentação excepcionalmente clara a respeito do peso do assunto. O último é o clássico acadêmico mais reconhecido dentre os estudos sobre o xamanismo.

⁵ A palavra celta deriva da palavra arcaica *keltos*, que vemos empregada pela primeira vez aos celtas em textos gregos e romanos. Eles empregavam a palavra com o significado de “estranhos” ou “bárbaros”, mas é possível que seja derivada de uma palavra celta significando “segredo”, “escondido”. Emprego a palavra para referir àqueles dentro da cultura celta que foram e são os guardiões da sabedoria encoberta, que escondem os ensinamentos de sua linhagem não confiando nada, ou muito pouco, à escrita e, em seu lugar, contando com a tradição oral para salvaguardar seu conhecimento. Essas pessoas existiram e existem na cultura celta, mas suas tradições não são idênticas às da cultura mais ampla. O termo então é bem diferente da palavra celta que veio a denotar irlandês, escocês, gaélico, galês arcaico e bretão e não os portadores do conhecimento arcaico, que eram os kelts.

as brumas de Avalon de antanho, que mais não seja, ao menos por não se encontrarem na mesma época na qual vivemos. Em vez disso, quando uso o termo *kelt*, eu o emprego como uma abstração lírica; ele refere a uma atitude ou um humor, a um estado mental e a uma sensibilidade poética. Não podemos todos ser celtas – pois todos, cada um de nós, possuímos ricas raízes ancestrais próprias – mas podemos, se assim o desejarmos, extrair algo do poço profundo que é *Keltia*.

Meu professor na iniciação, que conheci como um adulto e que encontraremos mais tarde neste livro, estranhamente, acreditava em um princípio que denominava “osmose espiritual”, segundo o qual a proximidade com a própria vontade sagrada provê as respostas. Não existem regras fixas, ou melhor, as regras e as verdades que se encontra serão pessoais, para a pessoa que as encontra. A verdade precisa sempre ser individual, e é encontrada a partir de experiências e interpretações da própria pessoa. Lendo este livro vocês serão atraídos pelo mistério que é o Caminho do Pólen e a partir daí irão compreender. Foi um grande prazer ter sido capaz de trazer este conhecimento poderoso, encoberto, para o domínio público. Basta ler, a osmose espiritual provocará o efeito em um grau apropriado.

Acima de tudo, este é um livro sobre conhecimento, ideias e experiências que formaram o portal para o mundo de minha verdade espiritual pessoal. Espero que também se sintam inspirados a cruzar este umbral, embarcar na rica aventura que é a jornada do herói, e descobrir uma verdade para sustentá-los nestes tempos de incerteza espiritual, mas de oportunidade certa.

